

100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



## **Influência do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos no compartilhamento de conhecimento**

**Evelise Souza da Silva**

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

*E-mail: evelise.souza2010@gmail.com*

**Ilse Maria Beuren**

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

*E-mail: ilse.beuren@gmail.com*

**Silvana Mannes**

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

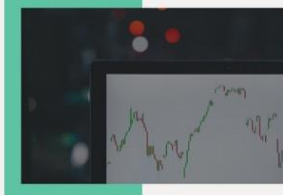
*E-mail: mannessilvana@gmail.com*

### **Resumo**

Este estudo analisa a influência do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos organizacional no compartilhamento de conhecimento em cooperativas agropecuárias brasileiras. De forma complementar analisa a interação do gerenciamento de riscos organizacional na relação entre comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento. Uma pesquisa de levantamento foi realizada com gestores de níveis estratégicos em cooperativas agropecuárias brasileiras, sendo que a amostra compõe-se das 104 respostas válidas. Para testar as hipóteses aplicou-se a técnica de modelagem de equações estruturais. Os resultados mostram que o comportamento cooperativo influencia positiva e significativamente no gerenciamento de riscos e no compartilhamento de conhecimento, porém, não foi encontrada significância estatística na relação entre gerenciamento de riscos e compartilhamento de conhecimento. Isto indica que níveis maiores de comportamento cooperativo refletem em maior gerenciamento de riscos, o que ajuda a mitigar riscos, e em maior compartilhamento de conhecimento nas cooperativas pesquisadas. Este estudo contribui para a literatura ao apresentar novas implicações do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos, percebidos como facilitadores do compartilhamento de conhecimento. Também pode orientar as cooperativas na sustentação do seu negócio por meio do compartilhamento de conhecimento e de suas políticas em torno de um gerenciamento de riscos direcionado às estratégias organizacionais.

**Palavras-chave:** Comportamento cooperativo; Gerenciamento de riscos; Compartilhamento de conhecimento; Cooperativas.

**Linha Temática:** Contabilidade Gerencial



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



## 1 Introdução

As organizações dependem de recursos e capacidades para a obtenção de vantagem competitiva (Mathews, 2003). O compartilhamento de conhecimento entre redes e parcerias é considerado benéfico para a sobrevivência da organização, pelo fato de mais rapidamente poder desenvolver novas ideias e responder a possíveis problemas (Wu, Wu & Zhu, 2012). Empresas cujos produtos agregam valor aos produtos de uma segunda empresa provavelmente compartilham conhecimento (Levy, Loebbecke & Powell, 2003), mas isso nem sempre é visto de forma natural pelo indivíduo que precisa dedicar tempo e esforço para que tal ocorra na organização (Cyr & Choo, 2010). Entre os processos da gestão do conhecimento, o compartilhamento de conhecimento é o que apresenta mais desafios na sua execução (Lin, Wu & Lu, 2012), pelo fato das pessoas verem o conhecimento como um recurso valioso, assim muitas vezes não apoiam o seu compartilhamento (Davenport & Prusak, 1998).

A cooperação é vista como um fator-chave para o compartilhamento de conhecimento, visto que tal requer uma cooperação sustentada (Ke & Wei, 2007). Neste sentido, a cooperação tem a força necessária para auxiliar as organizações na transferência de conhecimento (Squire, Cousins & Brown, 2009). Ao invés de competir de forma individual, as organizações podem buscar formas de cooperação em rede para obterem maior competitividade (Jerônimo, Fensterseifer & Silva, 2005). Os autores ainda destacam que o comportamento cooperativo está relacionado aos princípios cooperativos, a cultura de cooperação mútua e aos valores morais dirigidos ao cooperativismo. O comportamento cooperativo voltado a fatores contextuais e inerentes ao indivíduo leva a aptidão de cooperar e ter perspectivas mais positivas sobre o próximo (Bogaert, Boone & Declerck, 2008).

Tendo que as pessoas são uma das maiores fontes de incerteza, os riscos organizacionais são considerados de difícil gerenciamento, visto que apenas a identificação desses riscos é insuficiente (Bakker, Boonstra & Wortmann, 2010; Thamhain, 2013). Ao assumir o conhecimento como um dos recursos essenciais da organização, identificar e gerenciar os riscos inerentes a esse recurso é imprescindível (Tsai, Zhu, Ho & Wu, 2010). O gerenciamento de riscos é um desafio enfrentado pelas organizações que compartilham conhecimento, e isso muitas vezes inibe fazê-lo em redes (Majchrzak, 2004; Ensign & Hébert, 2009; Trkman & Desouza, 2012). No entanto, organizações que adotam estratégias de gerenciamento de risco trabalham com maior nível de segurança (Soper, Demirkan & Goul, 2007), pois tendem a atenuar a incerteza e aumentar as chances de atingir seus propósitos (Xia, Zou, Griffin, Wang & Zhong, 2018). Os riscos observados podem impactar no modo como as organizações compartilham conhecimento (Soper et al., 2007; Keers & Van Fenema, 2018), por isso é importante gerenciá-los.

O gerenciamento dos riscos inerentes ao compartilhamento de conhecimento em relações intercompanhias ainda é pouco conhecido no âmbito teórico-empírico. Trkman e Desouza (2012) destacam que pouco se aprofundou em relação ao gerenciamento de riscos que podem decorrer do compartilhamento de conhecimento em redes de colaboração. A lacuna percebida quanto a possível interação destas variáveis levou à seguinte questão de pesquisa: Qual a influência do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos organizacional no compartilhamento de conhecimento? Assim, o objetivo do estudo é analisar a influência do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos organizacional no compartilhamento de conhecimento em cooperativas agropecuárias brasileiras. De forma complementar analisa-se a interação do gerenciamento de riscos organizacional na relação entre comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento.

As cooperativas desempenham papel relevante mundialmente, empregando mais de 100 milhões de pessoas e favorecendo o desenvolvimento social e o crescimento econômico



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



(Ruostesaari & Troberg, 2016). No Brasil, segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2019), as cooperativas têm movimentado mais de 16 milhões em tributos e despesas com pessoal no ano de 2018. É destacado ainda que o setor agropecuário apresenta o maior número de cooperativas registradas na OCB. Diante desses números e de características específicas das cooperativas agropecuárias, aponta-se a relevância de investigar esse ramo. Maraschin (2004) aponta que o cooperativismo é relevante, pois as cooperativas podem ajudar a melhorar as condições dos produtores diante do poder do mercado.

A relevância social e econômica das cooperativas agropecuárias brasileiras instiga investigações quanto às estratégias adotadas por elas, visto que isso pode propiciar o desenvolvimento e assegurar a sua sobrevivência no mercado (Jerônimo et al., 2005; Ruostesaari & Troberg, 2016). A importância desta pesquisa sobressai também devido ao fato dos fatores que proporcionam compartilhamento de conhecimento ainda serem pouco compreendidos (Connelly & Kelloway, 2003; Renzl, 2008; Wu et al., 2012). Poucas pesquisas empíricas foram realizadas sobre mecanismos, intenções e comportamentos dos sujeitos no compartilhamento de conhecimento (Wu & Olson, 2010; Wu et al., 2012).

Este estudo contribui com a literatura ao procurar responder questões em torno de fatores e comportamento que podem propiciar o compartilhamento de conhecimento em organizações cooperativas. Amplia-se também a circunscrição teórica relativa à discussão sobre os efeitos do gerenciamento de riscos no compartilhamento de conhecimento. Na perspectiva da prática gerencial, os resultados desta pesquisa podem orientar as organizações cooperativas para obterem melhor desempenho, com vistas na promoção de compartilhamento de conhecimento, salientando suas políticas em torno do gerenciamento de riscos.

## 2 Fundamentação Teórica e Hipóteses

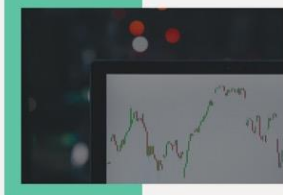
### 2.1 Comportamento cooperativo e gerenciamento de riscos

O comportamento cooperativo é definido como boa vontade voluntária e ações recíprocas, ocorrendo quando os indivíduos trabalham coordenadamente na busca de propósitos comuns ou complementares (Pearce, 2001). Tal comportamento é empenhado em ações de confiança e reciprocidade entre os indivíduos (Ferster, Macht & Brownson, 2020). No entanto, o comportamento cooperativo é permeado de riscos que precisam ser gerenciados pelos seus participantes para a manutenção da rede (Ke & Wei, 2007).

O processo de gerenciamento de riscos busca auxiliar as organizações nas análises de seus riscos, de modo a direcioná-las a terem atitudes e tomarem decisões corretas diante dos riscos, dentre elas, sobre quais devem ser enfrentados, quais devem ser explorados e quais devem ser ignorados (Damodaran, 2009). O gerenciamento de riscos deve avaliar, monitorar e controlar todos os riscos aos quais a organização está exposta (Dionne, 2013). Segundo Zsidisin, Panelli e Upton (2000) a verificação constante de riscos circunda a comunicação e análise de informações que contribuem para estratégias oportunas de gerenciamento de riscos.

O gerenciamento de riscos necessita do esforço conjunto dos membros da rede de cooperação, por exemplo, da cadeia de suprimentos (Giunipero & Eltantawy, 2004), da mesma forma como ocorre em outros relacionamentos. Neste caso, segundo os autores, os compradores estão buscando relacionamentos mais próximos com fornecedores a fim de gerenciar mais eficazmente os riscos. A premissa é que esforços conjuntos ajudam a mitigar os riscos inerentes aos processos (Giunipero & Eltantawy, 2004).

Williams e Stemper (2002) alertam que um importante diferencial para as empresas de tecnologia é a capacidade de aproveitar a colaboração para o desenvolvimento de novos produtos, pois encontraram em sua pesquisa que esforços cooperativos de gerenciamento dos riscos diminuem os riscos da introdução de um novo produto. Dessa maneira, assume-se que a



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



cooperação pode ajudar a identificar e mitigar os riscos presentes na relação, impactando no gerenciamento de riscos. Diante disso, apresenta-se a primeira hipótese de pesquisa:

**H<sub>1</sub>:** Há influência positiva do comportamento cooperativo no gerenciamento de riscos.

## 2.2 Comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento

O compartilhamento de conhecimento pode ser definido como a transferência de conhecimentos e experiências a outros membros ou organizações (Cyr & Choo, 2010). É uma interação social que abrange a troca de experiências, habilidades e conhecimentos em rede (Lin, 2007; Wang & Hu, 2017). Nooteboom (2000) considera que as empresas buscam alinhar conhecimentos individuais distantes para alcançar um objetivo comum, e aduzem que a cooperação reduz a distância cognitiva entre as empresas.

Indivíduos ou organizações podem manifestar certa aversão ao compartilhamento de conhecimento, uma vez que o conhecimento representa um recurso valioso. Neste aspecto, o comportamento cooperativo pode contribuir de maneira positiva, uma vez que a cooperação é um fator-chave do compartilhamento de conhecimento, que requer uma cooperação sustentada (Ke & Wei, 2007). Wang e Hu (2017) apontam que atividades colaborativas são valiosas para obter conhecimento. Sordi, Binotto e Ruviaro (2014) investigaram a relação da cooperação com o compartilhamento de conhecimento em uma cooperativa de crédito e, encontraram evidências de que num contexto organizacional competitivo o compartilhamento de conhecimento depende da cooperação das pessoas, assim como a cooperação precisa do compartilhamento de conhecimento para perdurar.

O estudo realizado por Ghobadi e D'Ambra (2013) identificou mecanismos pelos quais comportamentos cooperativos e competitivos influenciam o compartilhamento de conhecimento. Squire et al. (2009) encontraram efeitos positivos da cooperação na transferência de conhecimento entre comprador e fornecedor e que níveis crescentes de cooperação entre as empresas resultaram em maior transferência de conhecimento entre elas. Com isso, presume-se que maior nível de cooperação favorece as organizações criarem uma percepção de compartilhamento, na qual a transferência de conhecimento faz-se possível (Squire et al., 2009). Com base no suporte teórico e seguindo os pressupostos de que o comportamento cooperativo influencia o compartilhamento de conhecimento, formula-se a segunda hipótese da pesquisa:

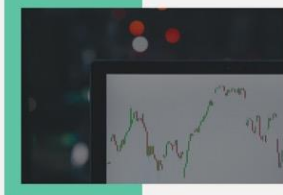
**H<sub>2</sub>:** Há influência positiva do comportamento cooperativo no compartilhamento de conhecimento.

## 2.3 Gerenciamento de riscos e compartilhamento de conhecimento

O risco de conhecimento é entendido como a probabilidade de um evento que implique na perda relativa à identificação, armazenamento ou proteção de conhecimento que reduza o proveito de alguma das partes envolvidas (Perrott, 2007). Alguns estudos denotam que o aumento do compartilhamento de conhecimento aumenta o risco de vazamento (Desouza, 2006; Trkman & Desouza, 2012). Portanto, conciliar o aumento do compartilhamento de conhecimento e a prevenção da confidencialidade é um dilema enfrentado pelas organizações (Ahmad, Bosua & Scheepers, 2014). O compartilhamento inadequado ou a perda de conhecimento podem trazer resultados catastróficos às organizações (Hackney, Desouza & Irani, 2008; Wu, 2010).

Este dilema enfrentado pelas organizações, principalmente as que se mantêm em redes, está associado a outro desafio, o de que maneira gerenciar os riscos relacionados ao compartilhamento de conhecimento entre essas empresas. Decorre que pode haver rompimentos em relação à segurança a partir do momento em que duas ou mais organizações





100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



compartilham conhecimento (Majchrzak, 2004; Trkman & Desouza, 2012). Com isso, as organizações podem apresentar certa resistência em compartilhar conhecimento, devido a esse receio, principalmente por conta da falta de controle (Ensign & Hébert, 2009).

Por vezes, os riscos podem ser mais iminentes no compartilhamento de conhecimento do que os próprios benefícios. A falta de gerenciamento de riscos no compartilhamento de conhecimento pode levar à grandes chances da rede de cooperação não obter vantagem competitiva (Swink & Zsidisin, 2006). Trkman e Desouza (2012) apontam que embora seja relevante o compartilhamento de conhecimento, esse deve envolver equilíbrio entre muito e pouco, além de se proteger em relação ao que está sendo compartilhado na rede.

Ahmad et al. (2014) sugerem uma estrutura gerencial mais abrangente para fins de proteção e gerenciamento de conhecimentos de forma mais estratégica. Estratégias e métodos gerenciais para enfrentar os riscos inerentes à transferência de conhecimento, além de proteger a organização, também ajudam a gerar confiança nas transações com seus parceiros (Soper et al., 2007). Indivíduos e organizações se tornam dispostos a compartilhar conhecimento e informações quando desenvolvem relacionamentos, porém a incapacidade de transferir informações relevantes requer que as causas sejam gerenciadas (Keers & Van Fenema, 2018).

Neste aspecto, Keers e Van Fenema (2018) identificaram sete riscos relacionados ao gerenciamento de projetos em parcerias público-privadas. Dentre eles, um que importa no presente estudo é o compartilhamento de informações inadequado entre as organizações parceiras. Segundo os autores, esse risco deve ser controlado para viabilizar ações conjuntas. Com base no exposto, apresenta-se a terceira hipótese da pesquisa:

**H<sub>3</sub>:** Há influência positiva do gerenciamento de riscos no compartilhamento de conhecimento.

#### **2.4 Efeito mediador do gerenciamento de riscos entre comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento**

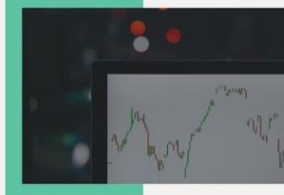
Na relação interorganizacional, o comportamento cooperativo dos participantes favorece o compartilhamento de conhecimento entre as partes, ao mesmo tempo que o compartilhamento de conhecimento necessita de uma cooperação fortalecida (Ke & Wei, 2007). Na pesquisa realizada por Squire et al. (2009) em uma parceria interorganizacional, os resultados indicaram relações positivas entre a cooperação e a transferência de conhecimento mediado pela confiança entre empresas compradoras e fornecedoras.

O comportamento cooperativo pode propiciar a identificação e mitigação de riscos (Williams & Stemper, 2002; Giunipero & Eltantawy, 2004). Por outro lado, o gerenciamento de riscos pode proteger e gerar confiança no compartilhamento de conhecimento entre as partes em cooperação (Soper et al., 2007). Com base no exposto, presume-se um papel mediador do gerenciamento de riscos na relação entre o comportamento cooperativo e o compartilhamento de conhecimento.

Este papel mediador implica que o comportamento cooperativo seja oportuno para o compartilhamento de conhecimento (Sordi et al., 2014), bem como pode impactar no gerenciamento de riscos (Zsidisin et al., 2000) e trazer benefícios aos envolvidos na rede cooperação, como por exemplo, um compartilhamento de conhecimento mais eficaz entre as partes. Nesse sentido formula-se a quarta hipótese da pesquisa:

**H<sub>4</sub>:** Há efeito mediador do gerenciamento de riscos na relação entre o comportamento cooperativo e o compartilhamento de conhecimento.

O modelo teórico da pesquisa é ilustrado na Figura 1, a partir da formulação das hipóteses, por meio de evidências teórico-empíricas apresentadas na literatura.

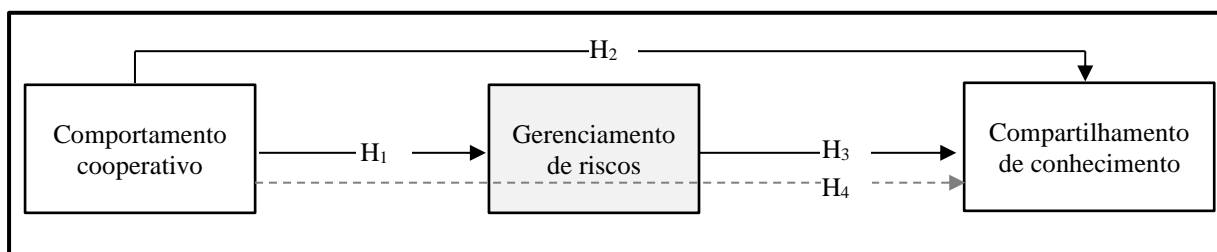


100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



Nota: A linha pontilhada refere-se à relação de mediação (efeito indireto).

**Figura 1.** Modelo teórico da pesquisa

Fonte: Elaboração própria.

### 3 Procedimentos metodológicos

#### 3.1 População e amostra

Esta pesquisa foi realizada por meio de um levantamento em cooperativas agropecuárias brasileiras listadas na OCB, sendo este o maior ramo de cooperativas brasileiras. Este setor está alinhado com um importante propósito do cooperativismo em âmbito nacional, voltado à modernização da agricultura e da agroindústria, ao que procura associar as dimensões econômicas, sociais e culturais do processo de desenvolvimento do país (Scopinho, 2007). A opção por esta população deve-se aos seus princípios cooperativos reconhecidos internacionalmente pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI) e destacados no estudo de Mojo, Fischer e Degefa (2015), com características que se presume de comportamento cooperativo e de compartilhamento de conhecimento. Também pelo fato de serem comuns a cooperação e a formação de alianças entre elas (Peñalver, Conesa & Nieves Neto, 2018).

O mapeamento no *site* da OCB resultou em 990 cooperativas agropecuárias de 17 estados brasileiros. De posse desta listagem, buscou-se identificá-las na rede profissional *LinkedIn* e seus respectivos colaboradores. Nessa busca identificaram-se 1.575 profissionais, cujo propósito foi de enviar o convite para estabelecer uma conexão. Optou-se por manter uma taxa de envio de três a cinco respondentes por cooperativa, preferencialmente aos cargos de níveis estratégicos. Um total de 701 profissionais aceitaram o convite para participar do estudo, para os quais foi enviado o *link* do questionário pela plataforma *QuestionPro*, no período de dezembro de 2019 a abril de 2020, resultando em 104 respostas válidas.

Nesta amostra, destaca-se que 91% dos respondentes são do gênero masculino, a maioria cursou pós-graduação, 57% possuem especialização ou *Master of Business Administration* (MBA), 9% mestrado e 1% doutorado. Os participantes também apresentaram variação de idade entre 24 e 72 anos. Quando perguntados sobre o cargo na empresa, a maior parte (49%) revelou ser gerente de cooperativa. Quanto ao tempo, mais da metade (53%) afirmou estar no cargo de 1 a 5 anos. As cooperativas atuam majoritariamente (55%) há mais de 50 anos, sendo que o número de funcionários está concentrado entre 500 e 3.000 (45%).

#### 3.2 Construtos e instrumento de pesquisa

Os construtos da pesquisa (comportamento cooperativo, gerenciamento de riscos e compartilhamento de conhecimento) foram mensurados por meio de instrumentos testados em pesquisas internacionais, com assertivas em escala tipo *Likert* de 7 pontos. Os construtos e variáveis que consubstanciaram esta pesquisa são os apresentados na Tabela 1.



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



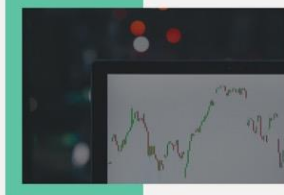
Tabela 1. Construtos da pesquisa e assertivas

Construtos	Assertivas
<b>Comportamento cooperativo</b> (Wu, Wang & Chen, 2017)	Indique o seu grau de concordância com cada uma das assertivas que seguem quanto ao comportamento cooperativo da sua organização. Escala de 1 (Discordo fortemente) a 7 (Concordo fortemente). CC1. A flexibilidade em resposta a pedidos de mudanças é uma característica do nosso relacionamento. CC2. Quando surge uma situação inesperada, os parceiros preferem fazer um novo acordo do que se manter nos termos originais. CC3. A troca de informações em nosso relacionamento ocorre com frequência de modo, informal e abertamente. CC4. Os parceiros mantêm-se informados das mudanças e eventos que podem afetá-los. CC5. Na maioria dos aspectos de nosso relacionamento, as partes são solidariamente responsáveis por fazer as coisas. CC6. Os problemas que surgem no relacionamento de inovação são tratados como responsabilidades conjuntas e não individuais.
<b>Gerenciamento de riscos</b> (Raz, Shenhar & Dvir, 2002)	Indique em cada uma das assertivas que seguem a extensão com que o gerenciamento de riscos ocorre na sua organização. Escala de 1 (Em nenhuma extensão) a 7 (Em grande extensão). GR01. Identificação sistemática de riscos por meio através de documentação revisões de documentação e de informações e técnicas de coleta de informações, como entrevistas e análise SWOT. GR02. Análise probabilística de riscos, incluindo a avaliação da probabilidade de ocorrência de um risco e das consequências se realmente ocorrer. GR03. Planejamento detalhado da incerteza para reduzir a probabilidade e/ou consequências de um evento de risco adverso para um limite aceitável. GR04. Análise metódica de <i>trade-off</i> (escolha de uma opção em detrimento de outra), resultando em um plano detalhado de resposta ao risco. GR05. Nomear um gerente de riscos.
<b>Compartilhamento de conhecimento</b> (Wang & Hu, 2017)	Indique seu grau de concordância com cada uma das assertivas que seguem quanto ao compartilhamento de conhecimento da sua organização com parceiros. Escala de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente). CCONH01. Compartilhamos nossos relatórios de trabalho de inovação e documentos técnicos com nossos parceiros. CCONH02. Compartilhamos nossos manuais e metodologias com nossos parceiros. CCONH03. Frequentemente compartilhamos nossa experiência, <i>know-how</i> ou novas ideias do trabalho de inovação com nossos parceiros.

Fonte: Elaboração própria.

O comportamento cooperativo, que consiste na boa vontade voluntária e ações recíprocas, foi aferido pelo instrumento de pesquisa de Wu, Wang e Chen (2017), composto de seis assertivas, com uma escala variando de discordo fortemente (1) a concordo fortemente (7). Na análise fatorial exploratória (AFE), excluiu-se a questão CC02 devido ao baixo índice de comunalidade em relação ao construto, posteriormente, suprimiu-se do estudo a CC03 por carga fatorial (*loading*) baixa na análise de modelagem de equações estruturais. Após isso, as assertivas formaram um componente único de variância total explicada de 55,71%. O modelo demonstrou aceitável nível de adequação ( $KMO=0,742$ ) e de consistência interna ( $\alpha=0,786$ ).

O gerenciamento de riscos, que busca auxiliar as organizações na análise de seus riscos, teve como base o instrumento de pesquisa do estudo de Raz, Shenhar e Dvir (2002), porém, adaptado para riscos organizacionais, totalizando cinco assertivas, com uma escala variando de em nenhuma extensão (1) a em grande extensão (7). As cinco assertivas formaram um componente único de variância total explicada de 72,8%. O modelo demonstrou aceitável nível de adequação ( $KMO=0,879$ ) e boa consistência interna ( $\alpha=0,901$ ).



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



Por fim, o compartilhamento de conhecimento, que é definido como a transferência de conhecimentos e experiências para outros membros ou organizações, foi mensurado com adaptações no instrumento de pesquisa do estudo de Wang e Hu (2017), com três assertivas, com escala variando de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (7). As três assertivas formam um componente único de variância total explicada de 85,232%. O modelo demonstrou aceitável nível de adequação ( $KMO=0,754$ ) e boa consistência interna ( $\alpha=0,913$ ).

A pesquisa se limitou a coleta de dados em uma única fonte, levantados em um único momento, portanto, é provável de ser vulnerável a ter vieses de método comum (*common method bias*). Nesse sentido realizaram-se testes estatísticos no *software* SPSS, em específico o teste de fator único de Harman, que formou três fatores, sendo que apenas 28,28% da variação das variáveis podem ser explicadas por um único fator, bastante inferior ao limiar comum de 50% (Podsakoff, MacKenzie, Lee & Podsakoff, 2003). Portanto, o viés do método comum, inerente ao método empregado na coleta de dados, é pouco provável de ser uma preocupação na interpretação dos resultados.

### 3.3 Procedimentos de análise dos dados

Na análise dos dados, utilizaram-se técnicas de análise descritiva, análise fatorial exploratória e Modelagem de Equações Estruturais (SEM), estimadas a partir da técnica dos Mínimos Quadrados Parciais (PLS). A análise fatorial exploratória precede a SEM, onde se analisa os conjuntos teóricos que os construtos integram, mensurados por escalas múltiplas (Fávero & Belfiore, 2017). O modelo PLS-SEM geralmente é analisado em duas etapas: (i) modelo de mensuração; e (ii) modelo estrutural (Hair Jr., Hult, Ringle & Sarstedt, 2017).

Para analisar as hipóteses, utilizou-se a SEM-PLS por análise de caminho (*path*), e com *bootstrapping* de 5.000 reamostragens (Hair Jr. et al., 2017), o que resultou em relações diretas (que respondem as hipóteses diretas), e coeficientes indiretos totais (que evidenciam o resultado da hipótese de mediação). Na análise da mediação, foram seguidos os preceitos de Hair Jr. et al. (2017), de que a variável antecedente deve influenciar a mediadora e essa a dependente, condições necessárias a serem atendidas previamente ao teste de efeitos indiretos.

## 4 Descrição e análise dos resultados

### 4.1 Modelo de mensuração e estatísticas descritivas

Na modelagem de equações estruturais, inicialmente testa-se a confiabilidade (interna e composta) e a validade (convergente e discriminante), pelo modelo de mensuração (Hair Jr. et al., 2017). Na Tabela 2, constam tais informações e as estatísticas descritivas dos dados.

Tabela 2. Modelo de mensuração e estatística descritiva

Variáveis latentes	1	2	3
Indicadores			
1. Comportamento cooperativo	<b>0,791</b>		
2. Compartilhamento de conhecimento	0,637	<b>0,923</b>	
3. Gerenciamento de riscos	0,468	0,318	<b>0,853</b>
Média	5	5	4,5
Desvio Padrão	1,27	1,57	1,71
Coefficiente de variação (%)	25,48%	31,40%	37,97%
Moda	5	5	5
Variância Média Extraída (AVE) >0,50	0,626	0,852	0,727
Alfa de Cronbach >0,70	0,799	0,913	0,906
Confiabilidade Composta (CR) >0,70	0,869	0,945	0,930

Nota: N=104. Os elementos diagonais representam as raízes quadradas da variância média extraída e os elementos fora da diagonal representam as correlações entre as variáveis latentes.

Fonte: Dados da pesquisa.





100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



As estatísticas descritivas denotam moda 5, um número considerado de médio a alto. Isso indica forte presença das variáveis pesquisadas nessas organizações, principalmente o comportamento cooperativo e o compartilhamento de conhecimento que tiveram média 5.

A validade convergente, obtida pela AVE, possui valores acima de 0,50, o que atesta validade e confiabilidade dos construtos. Para testar a confiabilidade do modelo, foram utilizadas a confiabilidade composta e a consistência interna das variáveis (alfa de *Cronbach*), que se mostraram superiores ao indicado ( $>0,70$ ) pela literatura (Hair Jr. et al., 2017).

A validade discriminante foi examinada conforme os preceitos de Fornell e Larcker (1981). Demonstrou ausência de alta correlação entre as assertivas, e que os valores das raízes quadradas da AVE são superiores aos valores absolutos das correlações entre as variáveis, indicando que cada variável é individualmente distinta das demais (Hair Jr. et al., 2017).

As três variáveis estão positivamente correlacionadas. Foi verificado índice de correlação maior que 50% na relação entre comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento, o que indica que conforme o comportamento cooperativo aumenta, tem-se probabilidade dos níveis de compartilhamento de conhecimento também se elevarem. O mesmo foi observado, com menor intensidade, em relação ao gerenciamento de riscos (46,8%), com correlação moderada. A relação entre o gerenciamento de riscos e o compartilhamento de conhecimento também apresentou resultados positivos, porém, com coeficiente bem mais baixo. A análise de correlação é uma análise preliminar, mas que já sinaliza uma relação positiva entre as variáveis, conforme proposto no estudo.

Correlações elevadas podem sinalizar presença de multicolinearidade (Hair Jr. et al., 2017). Assim, analisou-se também o *Variance Inflation Factors* (VIF), que indicou ausência de multicolinearidade entre as variáveis latentes ( $VIF < 5$ ), conforme critérios de Hair Jr. et al. (2017). Portanto, os resultados apresentados pelo modelo de mensuração estão adequados e apontam que todas as variáveis são caracterizadas por níveis suficientes de validade e confiabilidade, o que permite prosseguir para a etapa da avaliação do modelo estrutural.

#### 4.2 Modelo estrutural e teste das hipóteses

No modelo estrutural procedeu-se à análise *bootstrapping*, para verificar a adequação do modelo e para mensurar a significância das relações entre as variáveis latentes (Hair Jr. et al., 2017), com 5.000 reamostragens e intervalo de confiança *bias-corrected*. Na avaliação do modelo estrutural considerou-se o coeficiente de determinação de *Pearson* ( $R^2$ ), que consubstancia a validade preditiva do modelo proposto, a relevância preditiva ( $Q^2$ ) onde os valores das variáveis endógenas devem ser superiores a zero, e o tamanho do efeito ou indicador de Cohen ( $f^2$ ). Pelo *bootstrapping* foram obtidos os valores de caminho (*path*), *t-value* e *p-value*, apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Resultados do modelo estrutural e teste das hipóteses

Hipóteses	Coefficiente estrutural	$f^2$	<i>t-value</i>	<i>p-value</i>	Decisão
H <sub>1</sub> Comp. cooperativo → Ger. riscos	0,468	0,281	5,327	<b>0,000**</b>	<b>Aceita-se</b>
H <sub>2</sub> Comp. cooperativo → Com. conhecimento	0,625	0,513	8,380	<b>0,000**</b>	<b>Aceita-se</b>
H <sub>3</sub> Ger. riscos → Com. conhecimento	0,025	0,001	0,256	0,798	Rejeita-se

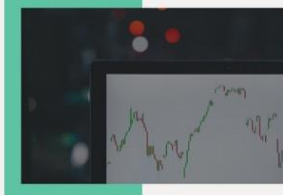
Nota: N=104. Significante ao nível de \*0,05; \*\*0,01.

Classificação de Cohen (1988): efeito pequeno ( $f^2=0,02$ ); efeito médio ( $f^2=0,15$ ); e efeito grande ( $f^2=0,35$ ).

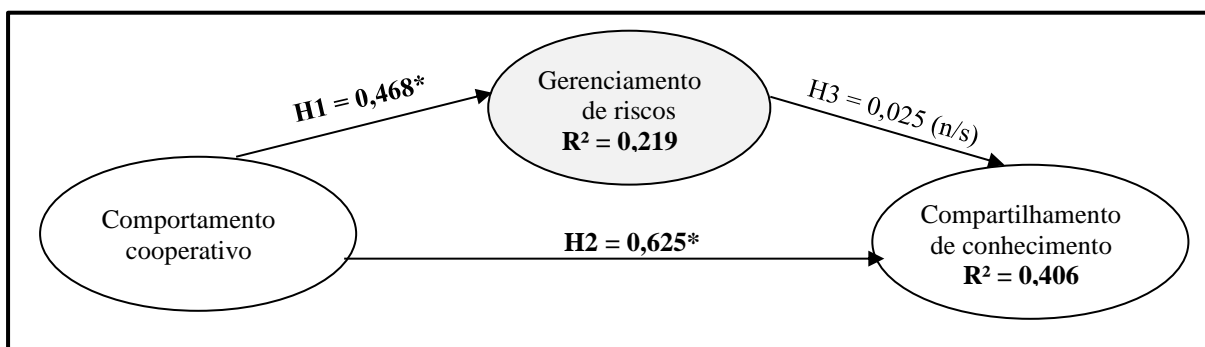
Avaliação do modelo estrutural ( $R^2$ ): Gerenciamento de riscos 0,219; Compartilhamento de conhecimento 0,406.

Relevância preditiva ( $Q^2$ ): Gerenciamento de riscos 0,153; Compartilhamento de conhecimento 0,334.

Fonte: Dados da pesquisa.



Verifica-se na Tabela 3 que o modelo apresenta um coeficiente de determinação ( $R^2$ ) de 21,9% para presumir o gerenciamento de riscos e de 40,6% o compartilhamento de conhecimento, índices moderados ao se considerar os inúmeros fatores que podem influenciar tais variáveis nas cooperativas. A relevância preditiva ( $Q^2$ ) obteve resultados acima de zero, o que atesta a acurácia do modelo (Hair Jr. et al., 2017). Na Figura 2 apresenta-se o modelo estrutural de caminhos com a síntese dos resultados das hipóteses do estudo.



Nota: N=104. Significante ao nível de  $*p<0,001$ ; n/s: não significante.

**Figura 2.** Resultados do modelo estrutural

Fonte: Elaboração própria.

A análise dos coeficientes estruturais indica influência positiva e significativa para a hipótese  $H_1$ , sendo esta aceita ao nível de significância de 1% e com coeficiente estrutural de 0,468. O tamanho do efeito ( $f^2$ ) apresenta um efeito médio ( $f^2>0,15$ ) para a relação entre comportamento cooperativo e gerenciamento de riscos (Cohen, 1988; Hair Jr. et al., 2017). Evidências essas que sugerem que o comportamento cooperativo traz impactos positivos no gerenciamento de riscos das cooperativas investigadas.

A hipótese  $H_2$ , que prevê influência positiva e significativa do comportamento cooperativo no compartilhamento de conhecimento, também foi aceita, ao nível de significância de 1%. O tamanho do efeito ( $f^2$ ) apresenta um efeito grande ( $f^2>0,35$ ) para a relação entre comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento (Cohen, 1988; Hair Jr. et al., 2017). Isso sugere que esse comportamento estimula o compartilhamento de conhecimento nas cooperativas pesquisadas.

A hipótese  $H_3$ , que prevê relação positiva e significativa entre o gerenciamento de riscos e o compartilhamento de conhecimento, não apresentou significância estatística, o que levou a rejeição da mesma. Assim,  $f^2$  tem força nula, pois não há relação entre as variáveis (Cohen, 1988; Hair Jr. et al., 2017). Logo, não é possível afirmar que o gerenciamento de riscos influencia diretamente o compartilhamento de conhecimento na amostra pesquisada.

A não confirmação da  $H_3$  inviabilizou testar a  $H_4$ , que previa efeito mediador do gerenciamento de riscos na relação entre comportamento cooperativo e compartilhamento de conhecimento. Ou seja, a  $H_4$  não pode ser confirmada em razão da não significância da influência de relação direta entre gerenciamento de riscos e compartilhamento de conhecimento, não podendo presumir relação indireta no caminho proposto na  $H_3$ , o que leva a rejeição da hipótese  $H_4$ . Esses resultados instigam mais pesquisas, para compreender em outros contextos e situações os resultados dessa relação.

#### 4.3 Discussão dos resultados

Este estudo buscou analisar a influência do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos no compartilhamento, bem como testar a possível mediação do gerenciamento de riscos na relação em cooperativas agropecuárias brasileiras. Os resultados



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



indicam que o comportamento cooperativo influencia positiva e significativamente o gerenciamento de riscos e o compartilhamento de conhecimento, confirmando as hipóteses  $H_1$  e  $H_2$  desse estudo. Tal achado é congruente com o apontado por Williams e Stemper (2002) e Giunipero e Eltantawy (2004), de que o comportamento cooperativo pode ajudar na identificação e mitigação dos riscos, o que reflete no gerenciamento de riscos dessas organizações. Isso indica que altos níveis de comportamento cooperativo ajudam no gerenciamento de riscos das cooperativas investigadas.

Estes resultados também são condizentes com o apontado pela literatura (Ke & Wei, 2007; Squire et al., 2009; Sordi et al., 2014), de que o compartilhamento de conhecimento precisa da cooperação entre as partes, sendo a cooperação vista como um fator-chave para um maior compartilhamento de conhecimento. Infere-se, assim, que níveis maiores de comportamento cooperativo estão associados com maior compartilhamento de conhecimento nas cooperativas agropecuárias brasileiras. Argumenta-se que maiores níveis de cooperação encorajam tais organizações a compartilharem mais conhecimento com parceiros.

No que concerne à hipótese  $H_3$ , que previa relação positiva e significativa do gerenciamento de riscos com o compartilhamento de conhecimento, esta não foi confirmada por não apresentar significância estatística. Esse resultado difere do apresentado nos estudos de Soper et al. (2007), Trkman e Desouza (2012), e Keers e Van Fenema (2018), que constaram efeitos do gerenciamento de riscos no compartilhamento de conhecimento, ou seja, que gerenciar esse compartilhamento evita vazamentos, compartilhamentos indevidos ou irrelevantes. Uma possível explicação pode ser que essas organizações não veem riscos no compartilhamento de conhecimento, mas sim algo advindo da cooperação entre as partes.

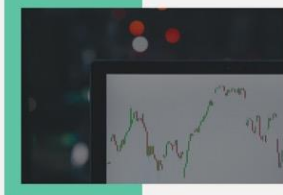
De acordo com Keers e Van Fenema (2018), uma primeira condição para um ativo gerenciamento de riscos é conhecer e reconhecer riscos, ou seja, a percepção desenvolvida de risco. Desse modo, conjectura-se que essas cooperativas não possuem no escopo do seu gerenciamento de riscos o compartilhamento de conhecimento, talvez porque o comportamento cooperativo pode passar a impressão de uma boa conduta entre as organizações parceiras. Outra suposição é que estas organizações tenham dificuldades de gerenciar os riscos advindos do compartilhamento de conhecimento com os parceiros (Majchrzak, 2004; Trkman & Desouza, 2012). Estas elucubrações instigam novas pesquisas.

## 5 Considerações finais

Esse estudo analisou a influência do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos no compartilhamento de conhecimento em cooperativas agropecuárias brasileiras. Os resultados evidenciaram influência positiva e significativa do comportamento cooperativo no gerenciamento de riscos e no compartilhamento de conhecimento. Os efeitos do comportamento cooperativo no gerenciamento de riscos e no compartilhamento de conhecimento indicam eficácia da cooperação nestes aspectos nas organizações pesquisadas. Embora tenha sido encontrada relação positiva entre o gerenciamento de riscos e o compartilhamento de conhecimento, não há significância estatística. Esse resultado sugere possíveis dificuldades para essas organizações gerenciar os riscos do compartilhamento do conhecimento e/ou não veem riscos no compartilhamento de conhecimento entre as partes em função do comportamento cooperativo.

Implicações teóricas podem ser destacadas no estudo, uma vez que apresenta novas implicações do comportamento cooperativo e do gerenciamento de riscos, no compartilhamento de conhecimento em cooperativas que integram alianças estratégicas. Como implicações práticas, destaca-se que o compartilhamento de conhecimento não deve ser percebido como um risco imediato, mas como sendo inerente a cooperação entre as partes. Os





100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



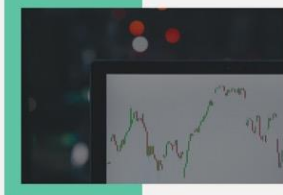
achados desta pesquisa podem orientar as cooperativas na sustentação de seu negócio, ao contribuir na identificação de construtos que revelaram implicações no compartilhamento de conhecimento no âmbito da cooperação, de modo a delinear suas políticas em torno de um gerenciamento de riscos direcionado às estratégias organizacionais.

Como limitações da pesquisa destacam-se questões relativas a escolhas metodológicas, bem como o desenho transversal, o que limita algumas inferências. Os resultados se baseiam na percepção dos respondentes e aspectos subjetivos podem ter influenciado no momento da resposta. Recomenda-se ainda que pesquisas futuras identifiquem outras variáveis que possam impactar nessas relações. Outros instrumentos de pesquisa também podem ser buscados para mensurar as variáveis, uma vez que foram excluídas duas questões dos instrumentos utilizados nesta pesquisa. Além disso, as cooperativas podem ter características específicas, o que destaca a necessidade da replicação desse estudo em outros setores econômicos.

## Referências

- Ahmad, A., Bosua, R., & Scheepers, R. (2014). Protecting organizational competitive advantage: A knowledge leakage perspective. *Computers & Security*, 42(3), 27-39. <https://doi.org/10.1016/j.cose.2014.01.001>.
- Bakker, K., Boonstra, A., & Wortmann, H. (2010). Does risk management contribute to IT project success? A meta-analysis of empirical evidence. *International Journal of Project Management*, 28(5), 493-503. <https://doi.org/10.1016/j.ijproman.2009.07.002>.
- Bogaert, S., Boone, C., & Declerck, C. (2008). Social value orientation and cooperation in social dilemmas: A review and conceptual model. *British Journal of Social Psychology*, 47(3), 453-480. <https://doi.org/10.1348/014466607X244970>.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2. ed.). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Connelly, C. E., & Kelloway, E. K. (2003). Predictors of employees' perceptions of knowledge sharing cultures. *Leadership & Organization Development Journal*, 24(5), 294-301. <https://doi.org/10.1108/01437730310485815>.
- Cyr, S., & Choo, CW (2010). The individual and social dynamics of knowledge sharing: an exploratory study. *Journal of Documentation*, 66(6), 824-846. <https://doi.org/10.1108/00220411011087832>.
- Damodaran, A. (2009). *Gestão estratégica do risco*. Porto Alegre: Bookman.
- Davenport, T. H., & Prusak, L. (1998). *Working knowledge: How organizations manage what they know*. Brighton, Massachusetts: Harvard Business Press.
- Desouza, K. C. (2006). Knowledge security: An interesting research space. *Journal of Information Science & Technology*, 3(1), 1-7. Recuperado em junho, 2020, de [https://www.researchgate.net/profile/Kevin\\_Desouza/publication/228419064\\_Knowledge\\_Security\\_An\\_Interesting\\_Research\\_Space/links/00b7d5304b15d00391000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Kevin_Desouza/publication/228419064_Knowledge_Security_An_Interesting_Research_Space/links/00b7d5304b15d00391000000.pdf).
- Dionne, G. (2013). Risk management: History, definition, and critique. *Risk Management and Insurance Review*, 16(2), 147-166. <https://doi.org/10.1111/rmir.12016>.
- Ensign, P. C., & Hébert, L. (2009). Competing explanations for knowledge exchange: Technology sharing within the globally dispersed R&D of the multinational enterprise. *The Journal of High Technology Management Research*, 20(1), 75-85. <https://doi.org/10.1016/j.hitech.2009.02.004>.
- Fávero, L. P., & Belfiore, P. (2017). *Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®*. São Paulo: Elsevier Brasil.
- Ferster, B., Macht, G. A., & Brownson, J. R. (2020). Catalyzing community-led solar development by enabling cooperative behavior: Insights from an experimental game in





100% ON-LINE

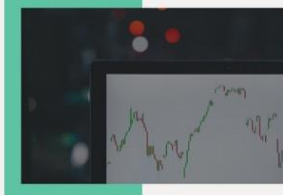
A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



- the United States. *Energy Research & Social Science*, 63(5). <https://doi.org/10.1016/j.erss.2019.101408>.
- Fornell, C., & Larcker, D.F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50. <https://doi.org/10.1177/002224378101800104>.
- Ghobadi, S., & D'Ambra, J. (2013). Modeling high-quality knowledge sharing in cross-functional software development teams. *Information Processing & Management*, 49(1), 138-157. <https://doi.org/10.1016/j.ipm.2012.07.001>.
- Giunipero, L. C., & Eltantawy, R. A. (2004). Securing the upstream supply chain: a risk management approach. *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 34(9), 698-713. <https://doi.org/10.1108/09600030410567478>.
- Hackney, R., Desouza, K. C., & Irani, Z. (2008). Constructing and sustaining competitive interorganizational knowledge networks: An analysis of managerial web-based facilitation. *Information Systems Management*, 25(4), 356-363. <https://doi.org/10.1080/10580530802384654>.
- Hair Jr., J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2017). *A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM)* (2nd ed.). Los Angeles: Sage.
- Jerônimo, F. B., Fensterseifer, J. E., & Silva, T. N. (2005). *Redes de cooperação e mecanismos de coordenação: a experiência da rede formada por sete sociedades cooperativas no Rio Grande do Sul*. SOBER, Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Ribeirão Preto, 24.
- Ke, W., & Wei, K. K. (2007). Factors affecting trading partners' knowledge sharing: Using the lens of transaction cost economics and socio-political theories. *Electronic Commerce Research and Applications*, 6(3), 297-308. <https://doi.org/10.1016/j.elerap.2006.06.006>.
- Keers, B. B., & Van Fenema, P. C. (2018). Managing risks in public-private partnership formation projects. *International Journal of Project Management*, 36(6), 861-875. <https://doi.org/10.1016/j.ijproman.2018.05.001>.
- Levy, M., Loebbecke, C., & Powell, P. (2003). SMEs, co-opetition and knowledge sharing: the role of information systems. *European Journal of Information Systems*, 12(1), 3-17. <https://doi.org/10.1057/palgrave.ejis.3000439>.
- Lin, H. F. (2007). Knowledge sharing and firm innovation capability: An empirical study. *International Journal of Manpower*, 28(3/4), 315-332. <https://doi.org/10.1108/01437720710755272>.
- Lin, T. C., Wu, S., & Lu, C. T. (2012). Exploring the affect factors of knowledge sharing behavior: The relations model theory perspective. *Expert Systems with Applications*, 39(1), 751-764. <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2011.07.068>.
- Majchrzak, A. (2004). *Human issues in secure cross-enterprise collaborative knowledge-sharing: A conceptual framework for understanding the issues and identifying critical research*. Los Angeles, CA: Center for Telecommunications Management, University of Southern California.
- Maraschin, A. F. (2004). *As relações entre produtores de leite e cooperativas: um estudo de caso na bacia leiteira de Santa Rosa-RS, 2004*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Mathews, J. A. (2003). Competitive dynamics and economic learning: an extended resource-based view. *Industrial and Corporate Change*, 12(1), 115-145. <https://doi.org/10.1093/icc/12.1.115>.
- Mojo, D., Fischer, C., & Degefa, T. (2015). Social and environmental impacts of agricultural



100% ON-LINE

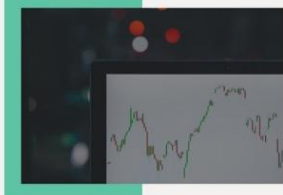
A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



- cooperatives: evidence from Ethiopia. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 22(5), 388-400. <https://doi.org/10.1080/13504509.2015.1052860>.
- Nooteboom, B. (2000). Learning by interaction: absorptive capacity, cognitive distance and governance. *Journal of Management and Governance*, 4(1/2), 69-92. <https://doi.org/10.1023/A:1009941416749>.
- Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). (2019). *Banco de dados*. Recuperado em dezembro, 2019, de <https://www.ocb.org.br/>
- Pearce, R. J. (2001). Looking inside the joint venture to help understand the link between inter-parent cooperation and performance. *Journal of Management Studies*, 38(4), 557-582. <https://doi.org/10.1111/1467-6486.00249>.
- Peñalver, A. J. B., Conesa, J. A. B., & Nieves Nieto, C. (2018). Analysis of corporate social responsibility in Spanish agribusiness and its influence on innovation and performance. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 25(2), 182-193. <https://doi.org/10.1002/csr.1448>.
- Perrott, B. E. (2007). A strategic risk approach to knowledge management. *Business Horizons*, 50(6), 523-533. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2007.08.002>.
- Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B., Lee, J. Y., & Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: a critical review of the literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.88.5.879>.
- Raz, T., Shenhar, A. J., & Dvir, D. (2002). Risk management, project success, and technological uncertainty. *R&D Management*, 32(2), 101-109. <https://doi.org/10.1111/1467-9310.00243>.
- Renzl, B. (2008). Trust in management and knowledge sharing: The mediating effects of fear and knowledge documentation. *Omega*, 36(2), 206-220. <https://doi.org/10.1016/j.omega.2006.06.005>.
- Ruostesaari, M. L., & Troberg, E. (2016). Differences in social responsibility toward youth: A case study based comparison of cooperatives and corporations. *Journal of Co-operative Organization and Management*, 4(1), 42-51. <https://doi.org/10.1016/j.jcom.2016.03.001>.
- Scopinho, R. A. (2007). Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 84-94. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400012>.
- Soper, D. S., Demirkan, H., & Goul, M. (2007). An interorganizational knowledge-sharing security model with breach propagation detection. *Information Systems Frontiers*, 9(5), 469-479. <https://doi.org/10.1007/s10796-007-9055-2>.
- Sordi, V. F., Binotto, E., & Ruviaro, C. F. (2014). A cooperação e o compartilhamento de conhecimentos em uma cooperativa de crédito. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 4(1), 119-134. Recuperado em junho, 2020, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4801001>.
- Squire, B., Cousins, P. D., & Brown, S. (2009). Cooperation and knowledge transfer within buyer-supplier relationships: the moderating properties of trust, relationship duration and supplier performance. *British Journal of Management*, 20(4), 461-477. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8551.2008.00595.x>.
- Swink, M., & Zsidisin, G. (2006). On the benefits and risks of focused commitment to suppliers. *International Journal of Production Research*, 44(20), 4223-4240. <https://doi.org/10.1080/00207540600575761>.
- Thamhain, H. (2013). Managing risks in complex projects. *Project Management Journal*,



100% ON-LINE

A Contabilidade e as  
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças  
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade  
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



- 44(2), 20-35. <https://doi.org/10.1002/pmj.21325>.
- Trkman, P., & Desouza, K. C. (2012). Knowledge risks in organizational networks: An exploratory framework. *The Journal of Strategic Information Systems*, 21(1), 1-17. <https://doi.org/10.1016/j.jsis.2011.11.001>.
- Tsai, C. H., Zhu, D. S., Ho, B. C. T., & Wu, D. D. (2010). The effect of reducing risk and improving personal motivation on the adoption of knowledge repository system. *Technological Forecasting and Social Change*, 77(6), 840-856. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2010.01.011>.
- Wang, C., & Hu, Q. (2017). Knowledge sharing in supply chain networks: Effects of collaborative innovation activities and capability on innovation performance. *Technovation*, Article in Press. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2017.12.002>.
- Williams, P., & Stemper, M. (2002). Collaborative product commerce—the next frontier—the next big differentiator for technology companies will be the ability to harness collaboration for new-product development. Many of the tools exist today. *EPN*, 6(1311), 1-31.
- Wu, A., Wang, Z., & Chen, S. (2017). Impact of specific investments, governance mechanisms and behaviors on the performance of cooperative innovation projects. *International Journal of Project Management*, 35(3), 504-515. <https://doi.org/10.1016/j.ijproman.2016.12.005>.
- Wu, D. D. (2010). Bilevel programming data envelopment analysis with constrained resource. *European Journal of Operational Research*, 207(2), 856-864. <https://doi.org/10.1016/j.ejor.2010.05.008>.
- Wu, D. D., & Olson, D. L. (2010). Enterprise risk management: coping with model risk in a large bank. *Journal of the Operational Research Society*, 61(2), 179-190. <https://doi.org/10.1057/jors.2008.144>.
- Wu, D. D., Wu, Y., & Zhu, W. (2012). An integrated theoretical model for determinants of knowledge sharing behaviours. *Kybernetes*, 41(10), 1462-1482. <https://doi.org/10.1108/03684921211276675>.
- Xia, N., Zou, P. X., Griffin, M. A., Wang, X., & Zhong, R. (2018). Towards integrating construction risk management and stakeholder management: A systematic literature review and future research agendas. *International Journal of Project Management*, 36(5), 701-715. <https://doi.org/10.1016/j.ijproman.2018.03.006>.
- Zsidisin, G. A., Panelli, A., & Upton, R. (2000). Purchasing organization involvement in risk assessments, contingency plans, and risk management: an exploratory study. *Supply Chain Management*, 5(4), 187-198. <https://doi.org/10.1108/13598540010347307>.